

enganar-nos a este respeito: por trás das tomadas de posição de aparência objetiva está em jogo o conjunto dos problemas éticos e morais que toda a sociedade se coloca. Se no mundo inteiro, hoje em dia, milhões de jovens e rapazes tomam drogas, é porque as opções do presente e do futuro não aparecem tão evidentes no seio da família, da escola e da sociedade. De nada serve obviar estas questões e não será combatendo a droga mediante uma psicoquímica moral ou moralizante que se obterá êxito sobre ela”.

Para Olievenstein, não se pode lutar contra a droga quando se tem uma visão mecanicista do problema e quando não se interroga a respeito das motivações das que se tornam usuários. Nem todos — são raros, aliás — os que usam drogas uma vez, ou ocasionalmente, tornam-se dependentes, escravos do vício.

Juventude mal compreendida desde os tempos de Sócrates até a visão polícialasca de hoje

Os que se entregam ao abuso, entretanto, entregam-se da forma mais pungente e patética: o estágio final dessa amarga caminhada é, geralmente, a insanidade e até a morte.

Na América do Sul, afirma Olievenstein referindo-se à Bolívia, os pobres ingerem a droga para saciar a fome. E os

nossos filhos, qual a fome que eles têm hoje em dia? A pergunta parece complexa, mas não é: desde o início dos tempos a juventude tem sido vista pelos adultos pelo prisma da ignorância e do desprezo. Sócrates, 2500 anos atrás, considerava os jovens mal-educados e perniciosos; antes dele, 800 anos antes de Cristo, o poeta Hesíodo considerava os jovens daquele tempo incapazes de preservar a cultura grega. Foi desmentido pela História, assim como o foi também aquele que, 4000 anos atrás, inscreveu num vaso de argila — encontrado nas ruínas da Babilônia — uma oração segundo a qual os jovens, malfeitores e preguiçosos, não podiam mesmo ser tratados no mesmo nível pelos adultos. São preconceitos muito atuais.

Temos, entre nós, quem estude as angústias juvenis e o problema das toxicomanias sem aquela visão autoritária e polícialasca dos cientistas sem consciência (e como fazer ciência sem consciência?) ou dos delegados mais preocupados com estatísticas e punições do que com a preservação do humano e o cultivo da bondade. No livro *Drogas e Dragados*, uma experiência nova — e corajosa — entre nós, o médico Francisco Tancredi, psiquiatra, diretor do Sanatório Charcot (São Paulo), destrói uma série de mentiras a respeito das drogas, colocando o tema no seu devido lugar.

É seguido, nesta boa cruzada, por outro médico, Ernesto Lima Gonçalves, professor da USP, que não se afasta da dimensão humana ao abordar a questão. O livro contém ainda

bons artigos de Richard Kan-ner, psicanalista, Samuel Werbe, Paul-Eugène Charbonneau, Vilma Fagundes Sanchez, José Elias Murad, Amauri Tonucci Sanchez e Celso Telles (delegado de polícia). Examina-se a questão a partir de vários ângulos, de diferentes pontos de vista, como é salutar e democrático. No final, várias perguntas contendo uma resposta básica, a indicação de um caminho a seguir: Haverá soluções? Existirão cominhos? Como proceder? E se fosse meu filho, meu marido, meu irmão? As perguntas são feitas por Ernesto Lima Gonçalves, que acrescenta: “As situações são diversas, mas o contexto é o mesmo. Por isso, o que se deve é analisá-lo, debruçar-se sobre ele e procurar entrever em seu fundo, no escuro das situações, razões positivas para que o jovem possa voltar a acreditar, voltar a ter esperança, voltar a confiar no outro. Razões para querer viver construtivamente. Razões para convencer nossos jovens ou nossos adolescentes de que ‘a vida, ainda que não seja fácil, vale a pena ser vivida’.”

É esta, enfim, a questão básica: os homens se drogam por serem incertos e infelizes. É preciso ter coragem para admitir que, ainda que provoque seqüelas terríveis, a droga une e alegra os homens; confraterniza; dá prazer; ilumina e abre, em certos casos — como provou Huxley —, as portas do conhecimento e da percepção. É preciso, entretanto, que os homens tenham tudo isso sem recorrer a ela. Para que não tenhamos, também, de ouvir o pungente depoimento da alemãzinha

Christiane F., de 13 anos, aos jornalistas Kai Hermann e Horst Rieck: ela sabia, por ouvir dizer, que Hitler tinha sido mau. No tempo de Hitler, porém — disse Christiane —, havia alguma coisa, o nazismo, em que acreditar. É uma frase terrível. Num mundo sem idéias e esperanças, ela só via prazer no consumo de heroína, a mais terrível das drogas. O depoimento do brasileiro Caco, em *Geração Abandonada*, tem a mesma raiz: inteligente, criativo e curioso, ele não encontrou espaço para desenvolver seu extraordinário potencial. A droga, a marginalidade e a prisão acabam quase matando — a não ser que, como ele, as pessoas sejam fortes — a luz do gênio e da bondade que existem sempre dentro de cada ser humano, à espera apenas da solidariedade para despertar, vicejar, dar frutos.

Referências:

- NETZSCHE, Friedrich — Obras — Ed. Aguilar, Madrid.
PLATÃO — Diálogos — Edições de Ouro, São Paulo.
HUXLEY, Aldous — As Portas da Percepção — Editora Globo, Porto Alegre, 1981.
WELLS, H. G. — A Máquina do Tempo — Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1981.
BAILY e GUIMARD — A Experiência Alucinógena — Civ. Brasileiro, 1972.
OLIEVENSTEIN, Claude — La Drogue — Gallimard, Paris, 1964.
SANCHEZ, Tonucci e outros — Drogas e Dragados — Editora Pedagógica e Universitária, São Paulo, 1982.
HERMANN e RIECK — Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída — Difel, São Paulo, 1982.
EMEDIATO, Luiz Fernando — Geração Abandonada — EMW Editores, São Paulo, 1982.

